

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***LIA RIEDEL***  
**(Entrevista)**

## **Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – Movimento da reforma psiquiátrica no Brasil: história e memória

Entrevistada - Lia Riedel (LR)

Entrevistadoras - Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Ricardo Augusto dos Santos (RS)

Data - 17/04/1998

Local da entrevista - Rio de Janeiro/RJ

Duração – 29 min

Responsável pelo sumário - Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela transcrição - Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

RIEDEL, Lia. *Lia Riedel. Entrevista de história oral concedida ao projeto Movimento da reforma psiquiátrica no Brasil: história e memória*, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 19p.

## Sumário

### Fita 1 – Lado A

Comentários sobre a vida de seu pai, Gustavo Riedel, e circunstâncias de sua vinda do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro, para cursar a graduação em medicina. Sobre o Congresso do Centenário de Pasteur, realizado em Strasburgo, em 1922. Comentários sobre o programa de assistência hétero-familiar, posto em prática na Colônia de Alienados do Engenho de Dentro com o intuito de melhorar o tratamento aos pacientes. Observações sobre o delicado estado de saúde de seu pai. Lembranças de atividades cotidianas desempenhadas na Colônia pelas internas, como a horta e os trabalhos manuais e sua para o tratamento aos alienados. Comentários sobre o Congresso de Higiene Mental, realizado em Washington, em 1930. O recebimento de convite do Dr. Pedro Ernesto para trabalhar na Secretaria de Saúde. As circunstâncias da construção do ambulatório Rivadávia Correa, na Colônia do Engenho de Dentro. Comentários sobre a rotina da vida familiar durante o período de moradia na Colônia. Citação a alguns médicos ligados ao Dr. Riedel, como Oswaldo Cruz, Miguel Couto e Carlos Chagas.

Não há gravação no lado B.

Data: 17/04/1998

### **Fita 1 - Lado A**

AB – Projeto Memórias da Psiquiatria no Brasil, dia 17 de abril de 1998, entrevista com dona Lia Riedel, entrevistada por Anna Beatriz Almeida e Ricardo dos Santos. Fita número 1. Então dona Lia, como a gente conversou na outra semana no nosso bate papo, a senhora até nos dando a honra de poder realizar...

LR – AH! Que é isso, prazer...

AB - A gente ia começar e queria que a senhora contasse para gente do seu nascimento, da origem da sua família, e por mais que a gente esteja aqui muito voltado para figura de seu pai e com a trajetória dele, mas que a senhora falasse também para gente da sua infância, como é que foi o seu início, não é? A data do seu nascimento, aonde a senhora nasceu, conversasse um pouquinho para gente disso... e ao mesmo tempo depois a gente vai conversando como é que era viver ao lado de seu pai, com as atividades dele...

LR – Eu nasci no dia 5 de março de 1916, portanto estou com 82 anos. Sou nascida no Rio de Janeiro, na rua São Clemente, num prédio que era da minha avó do lado da casa Rui Barbosa, mas o meu pai sempre teve casa em Copacabana, apesar das restrições que a família fazia dele ter escolhido uma casa no areal.

AB – Ver o que era Copacabana naquele tempo...

RS – O areal era Copacabana...

AB – É.

LR – É, Copacabana era o areal e não tinha nem os túneis ligando, não tinha nada e... mas ele sempre morou em Copacabana. Depois ele comprou uma casa na esquina da praça Serzedelo Corrêa com Hilário de Gouvea que nós vendemos depois da morte dele e ficamos morando em apartamento, segundo a época, não é? De acordo com a época, não é? Eu sempre vivi no meio de médicos, era o Dr. Miguel Couto, era o Carlos Chagas, Dr. Oswaldo Cruz, e sobretudo o Dr. Juliano Moreira porque o meu pai tinha sido interno muitos anos do hospital psiquiátrico.

Ele era natural de Porto Alegre, família toda gaúcha, o pai tinha sido dentista, vindo de São Paulo e foi trabalhar no colégio das freiras de São Leopoldo, onde conheceu a minha avó Ermília Couler, que tinha naquele tempo uns 14/15 anos. O dentista se apaixonou pela jovem cliente, ela largou os estudos e casou-se com meu pai, tiveram 2 filhos, além do papai Gustavo Riedel, o outro mais novo, Waldemar que morreu aqui no Rio de Janeiro na epidemia de gripe de 18.

AB - Em dezoito, não é?

LR - Meu pai quando estudava foi morar na casa de uma prima-irmã da minha avó, da Ermínia, se chamava Paula, a família toda que vinha de Porto Alegre, costumava se hospedar lá porque era uma casa muito grande, aí...

AB – Isso era para estudar aqui, que período, para fazer ginásio, fazer...

LR – Não, a família tinha vindo, papai veio de Porto Alegre para cá para estudar na Escola de Medicina...

AB – Ah! Já para fazer a faculdade...

LR – Para fazer a faculdade...

AB – Quer dizer ele optou fazer a faculdade de medicina no Rio de Janeiro.

LR – É, ele começou na faculdade lá de porto Alegre, depois se transferiu para cá, não sei bem por quê...

AB – Mas na trajetória dele ele chegou a iniciar...

LR – E ele era interno, lá do Hospício Nacional, onde ele dividiu o quarto com um colega chamado Dr. Waldemar de Almeida, se não me engano.

AB – Acho que é Waldemar de Almeida, que tem inclusive o que fez o...

RA – O artigo...

AB – Waldemar de Almeida, aquele que escreveu o artigo que a gente fez referência, não é? Saiu no capítulo...

LR – Pelo visto ainda não estou trocando as estações...

AB – De forma alguma.

LR – Bom, lá em casa dessa prima, irmã da minha avó, ele conheceu a minha mãe que era filha da dona da casa e aí se casaram e quando ele se formou, depois que ele se formou e foram morar em Copacabana e toda a vida nós ficamos por Copacabana...

AB – Ficaram morando por lá... Quer dizer essa vinda dele ao Rio de Janeiro estava muito ligada com a opção dele vir fazer medicina aqui.

LR – Ah! Sempre quis fazer medicina.

AB – Tinha o ideal da medicina.

LR – É.

AB – Agora a importância da medicina para ele, teve alguma influência muito grande de seu avô ou de seus tios...

LR – Não, o meu avô morreu muito cedo, o pai dele, dentista, era muito mais velho que a minha avó e morreu muito cedo, morreu em Porto Alegre de peste bubônica. A minha avó ficou viúva e conseguiu educar os dois filhos no colégio fazendo doce para fora, que era uma grande doceira. Depois que ela conseguiu, eles terminaram os estudos, ele optou pela medicina e o outro mais moço seguiu a carreira militar.

AB – É quer dizer, então tinha, para além da história do pai ter sido dentista, quer dizer tem toda uma ligação com a área médica não tinha um tio ninguém que fosse médico que tivesse influenciado.

LR – Não, não.

AB – Foi mesmo uma questão de vocação.

LR – De vocação, sempre teve. Bem, ele foi interno do Hospício Nacional, muito ligado ao Dr. Juliano Moreira, com quem eu convivi desde que nasci, era como se fosse um padrinho muito querido, sempre muito chegado a nós. Dr. Oswaldo Cruz também, Miguel Couto e Carlos Chagas, esse era a turma...

AB – A turma dele...

LR – Que eu me lembro de tempo de criança. Depois ele foi trabalhando e agora, o período, quando ele foi para a Colônia de Engenho de Dentro, isso eu não me lembro...

AB – Na verdade ele foi para Colônia em 1918, e a senhora tinha dois anos, não é?

LR – É.

AB – Quando ele foi para Colônia a senhora tinha dois anos, quer dizer é impossível estar na sua memória, agora...

LR – Isso eu não me lembro...

AB – Sim, e do que a senhora leu sobre ele do que a senhora ouviu falar, dos comentários depois, a Colônia teve grande importância? Ele ter sido Diretor.

LR – Era a vida dele, era a vida dele aquilo, era completamente a vida dele. Em 1922, que foi o centenário de Pasteur, daí eu me lembro, nós fomos a Strasburgo para o centenário de Pasteur. Era o centenário de nascimento e ele foi representando o Brasil, a viagem também

foi com Dr. Carlos Chagas, se não me engano, havia até um retrato nosso no navio, mas eu não tenho assim. Bom, chegando lá, de Paris nós fomos para Strasburgo onde, graças à boa organização que ele tinha na Colônia e o trabalho que apresentou, ele teve uma medalha de ouro.

AB – E ele apresentou um trabalho referido à Colônia?

LR – A Colônia, porque na Colônia ele tinha feito nos fundos da Colônia uma seqüência de umas trinta casas constando de sala, dois quartos, banheiro, cozinha e quarto de empregada, chamava-se, se não me falha a memória, Assistência Hétero-familiar. Agora, isso era para fazer, um estímulo para os atendentes e as enfermeiras tratarem bem os doentes porque ele se preocupava muito, achava que o pessoal não estava devidamente habilitado a enfermagem à atender o doente mental, tanto que ele criou a escola de enfermagem Alfredo Pinto especialmente...

AB – Nós vamos falar dela.

LR – Especialmente com a especialização de doenças mentais. Bom...

AB – Mas essas casas eram voltadas para quem morar? Para os internos ou para as enfermeiras?

LR – Não, as enfermeiras e atendentes que mais se destacassem no tratamento dos doentes. Então, não pagava aluguel, luz, gás, nada disso, e era um degrau entre o hospital e a vida lá fora. Elas teriam em troca disso, obrigação de ter uma doente como empregada em casa, que eram todas geralmente de classe operária. Então tinha, a doente ficava lá durante um ano, dois, para fazer uma adaptação entre o hospital e a rua.

AB – Certo.

LR – E a volta à família.

AB – Era um processo de readaptação social?

LR – É, é, em 1924, ele teve, começou com a doença renal, apesar de não fumar, não beber, não entrava uma gota de álcool lá em casa, por causa da bendita Liga de Higiene Mental que ele tinha fundado, não é?

AB – Depois você vai falar dela um pouquinho.

LR – Não entrava nada, apesar da mamãe ser gaúcha e gostar muito do vinho, não entrava vinho lá em casa. Bom, e lá ele teve essa doença e o Dr. Miguel Couto e Dr. Silva Mello, que era o médico clínico dele, aconselharam ele a sair de Copacabana pelo ar do mar que fazia mal. Então nós nos mudamos para uma daquelas casas no fundo da Colônia, onde vivemos

muitos meses. Aí nessa ocasião eu tive contato direto com a Colônia, onde eu conheci todos os médicos que trabalhavam lá e o trabalho.

AB – Quer dizer, mais aí a senhora já tinha na verdade, já estava com...

LR – Com oito anos.

AB – Com oito anos...

LR – E eu me lembro muito bem, não só do tratamento tão diferente do que a gente vê hoje na televisão dos doentes mentais daquele tempo, que tinham uniforme, as doentes tinham, assim, uma saia larga e uma bata, me lembro dos banhos assim que tinha uma sala enorme de ladrilhos com uma porção de chuveiros e tudo, que elas tomavam banho conjunto, as enfermeiras davam. Me lembro que as verduras e as frutas do hospital vinham da horta e do pomar.

AB – Quer dizer tinha uma horta dentro da Colônia?

LR – Da Colônia, uma horta e um pomar dentro da Colônia que era tratado pelas próprias doentes.

AB – As doentes, as internas cuidavam da horta...

LR – Me lembro muito de um acidente que teve, dos moleques que foram roubar fruta lá e as doentes atacaram com pau e pedra...

AB – E pedra... (risos)

LR – Foi uma confusão danada... (risos)

AB – Não deixou as crianças levarem.

LR – Eu me lembro, eu tinha uns oito anos, mas eu me lembro desse incidente. Agora, havia também além disso uma sessão de cinema, daqueles filmes antigos de Chico Bóia, e Gordo e o Magro e Charlie Chaplin que as doentes assistiam e tinha uma parenta nossa, que o filme era mudo, tocava pianola e quando acabava a sessão, as doentes dançavam umas com as outras...

AB – Faziam bailes...

LR – É.

AB – Quer dizer tinha toda uma parte também recreativa de integração cultural também para as internas.

LR – E as internas também faziam uns desenhos e...

AB – Tinha essa parte assim de costura...

LR – E de costura também, costura, bordado...

AB – Tinha essa parte toda de atividades manuais para desenvolver...

LR – Atividades manuais, é. Essa parte, tinha.

AB – Essa parte das casas que a senhora contou para gente de ser um espaço para enfermeiras morarem e readaptarem as internas, isso continuou, isso foi um processo que ele implementou e quando a senhora foi mora lá isso continuava acontecendo...

LR – Continuava acontecendo...

AB – Em 1924 continuava acontecendo.

LR – E aconteceu até muito tempo depois porque em 1930 houve um Congresso de Higiene Mental em Washington, aí eu fui também.

AB - Foi acompanhando.

LR – Fui, papai, a minha mãe, eu e meu irmão, que já era nascido nesse tempo, no Congresso de Higiene Mental. Como eu falava inglês, que eu com a graça de Deus, pertenci ao Colégio Jacobina, em Laranjeiras, que ficava em frente ao Palácio Guanabara por ali, quase que ao lado da casa do Coelho Neto. O Colégio Jacobina era um centro de educação, de pedagogia invejável, a gente além de um ensino privilegiado tinha francês e inglês e se falava normalmente. Papai falava francês muito bem, mas o inglês ele não falava, então eu fui junto e acompanhei para ficar com ele e tudo, freqüentei todos os eventos desse Congresso, agora.

AB – Quer dizer, em 1930, foi em 30 esse congresso?

LR – Em 30...

AB – A senhora tinha 14 anos.

LR – Aí eu já tinha 14 anos, aí eu me lembro bem do Congresso.

AB – E acompanhou ele ao congresso, acompanhando inclusive as sessões participando das atividades...

LR – As sessões propriamente não, eu acompanhava assim aos almoços que houve lá de confraternização essas coisas assim, as sessões científicas, não.

RS – A senhora lembra de outros? Foi só o seu pai a participar dos congressos ou foram outros médicos também?

LR – Agora, outros médicos assim eu não me lembro não. Eu me lembro que ele era muito amigo, muito chegado a um americano Dr. Clifford Beers, até ele me deu de presente um livro escrito em inglês por ele: “In mind that find found itself”, também ele era representante lá, uma pessoa muito importante, papai era muito amigo dele. Desse eu me lembro, agora brasileiro que tivesse junto assim eu não me lembro.

AB – Mas aí a gente podia voltar um pouquinho porque eu fiquei curiosa de reviver um pouquinho com você a sua experiência dentro da Colônia, não é? Quer dizer o dia-a-dia com as internas. Era um momento, oito anos, a senhora estava iniciando toda a sua parte estudantil, quer dizer devia passar o dia, no colégio, quer dizer, tinha.

LR – Não, naquele tempo a gente fazia o primário em casa.

AB – Ah! Fazia em casa, então quer dizer a convivência foi maior ainda, o tempo de permanência dentro da Colônia foi grande.

LR – Foi grande, foi grande eu estive sempre lá e a parte toda que eu acompanhava porque eu andava por ali tudo, não é?

AB – E como era conviver com esse universo? Era natural para a senhora, quer dizer, desde que momento para a senhora está claro qual era o grande papel do seu pai?

LR – Ele queria muito que eu seguisse a carreira, sabe? Tanto que havia lá um laboratório de psicologia chefiado pelo Dr. Airosa, acho que era Airosa, e ele queria muito, mas, depois eu vou te contar. Acontece que eu fui para o Jacobina e estudei lá e essa coisa toda, e quando eu terminei, papai faleceu em 1934, ele morreu no dia 16 de maio de 1934, ele era muito amigo do Dr. Pedro Ernesto, que naquele tempo era o interventor do Rio de Janeiro. Eu ia ser professora do Jacobina, de história, não encaminhei para a psicologia, ia ser professora de história, mas o Dr. Pedro Ernesto que ia muito lá em casa, quando papai morreu disse: “Não você vai, nada de ser professora, nada de voltar para o Jacobina, você foi criada no meio de médicos, eu quero reformar toda a estrutura da parte de saúde do Rio de Janeiro, você vai trabalhar na Secretaria de Saúde com todos esses médicos antigos que você conhece”, era secretário naquela época o Dr. Gastão Guimarães. De maneira que ele me levou para lá e eu fiquei durante 30 anos trabalhando na Secretaria de Saúde sempre nos gabinetes dos secretários porque vinha um, vinha outro, então percorri toda aquela gama do Clementino Fraga, Velho da Silva, Samuel Libanio, Dr. Caprione, essa gente toda.

AB – Foi acompanhando todos eles.

LR – É, até que eu me aposentei depois de 35 anos de serviço.

AB – Entendi, mas assim pensando a realidade de atividades do seu pai, era claro para a senhora, quando a senhora foi morar na Colônia para onde vocês estavam indo, porque vocês estavam indo morar na Colônia, o que que era um Manicômio...

LR – Ah! Isso eu sabia...

AB – O que que era...

LR - Eu sempre fui muito ligada a ele porque lá no colégio eu aprendi datilografia e os trabalhos dele, acabei eu batendo à máquina sempre, não é?

AB - (risos)

LR – Essas coisas...

AB – Já estavam.

LR – Já estavam, e os anais também da Colônia, não tinha os anais?

AB – Isso, os anais da Colônia.

LR - E lá no Colégio Jacobina também a gente aprendia revisão de prova tipográfica, então, vinham aquelas provas para conferir e fazer revisão. Quer dizer que eu sempre fui muito entrosada com o trabalho dele.

AB – Com o trabalho dele... E tinha quer dizer essa coisa pensando...

LR - Quando ele morreu eu tinha dezoito anos, 17 para 18 anos.

AB – Pensando a... viver nesse universo da loucura, não é? Nesse universo da doença mental, como é que a senhora sentia isso como criança?

LR - Eu não sei, eu me dava muito bem com as doentes.

AB – Não lhe assustava, não lhe dava temor...

LR - Não, absolutamente, eu me dava muito bem, aliás nunca vi assim um caso de que me desse susto, que eu me lembre, não...

AB – Não, não é?

LR - Era um terreno imenso cheio de árvores, um jardim maravilhoso.

AB - Tinha um aspecto de Colônia no sentido agrícola mesmo, de estar ligado com...

LR – Com a terra.

AB - Com a terra.

RS - E havia também...

AB - Com a natureza...

RS - As relações com as outras enfermeiras...

LR – Ah, é.

RS - As filhas e tias.

LR - É era justamente.

RS - Elas antes de estudarem nessa escola de enfermagem, elas já moravam ali pelo bairro?

LR – Ah! Isso eu não sei, essa parte não sei. Eu bem, agora vamos tratar do...

AB – A gente podia falar um pouquinho da escola de enfermagem.

LR - A escola, a primeira turma.

AB - A turma voltada especificamente ao trabalho de psiquiatria, não é?

LR - A primeira turma deu de presente pro meu pai quando se formou uma estátua que tem lá do lado de fora, ali na Alfredo Pinto.

AB – E esse projeto dele quer dizer, a importância que ele dava à enfermeira, a pessoa que faz a assistência, esse contato direto, não é? A gente sabe também que isso não é uma coisa comum, não é? Nem toda área médica reconhece o papel e a função que essas pessoas, não é? que esses atendentes têm...

LR – E essa parte assim eu não sei por que, por que, eu não posso falar, porque talvez eu era criança para apreender isso.

AB – É para apreender... mas para ele era uma coisa que devia ter muito papel muita importância.

LR – Ele estava muito interessado era criar um serviço que pudesse atender a pobreza do bairro.

AB – Ah! É você podia contar isso para gente, a gente conversou isso em off na outra vez, não é? Que era o ambulatório.

LR – O ambulatório, ele ficava muito assim... porque lá não havia um centro de saúde, não havia um hospital, não havia serviço médico de espécie alguma e o pessoal ia muito lá na Colônia porque sabia que havia médicos também. Então brotou a idéia do ambulatório. Acontece que o meu pai além do serviço lá que ele ia de manhã, de tarde, depois das 4:00 da tarde ele ia para um laboratório de análises clínicas que ele tinha em sociedade com o Dr. Eduardo Macci Marques Pinheiro, no Largo da Carioca. Bom, e cliente desse laboratório era uma senhora muito boa, muito rica, muito conceituada na época que tinha fama de ser um verdadeiro mecenas, era dona Guilhermina Guinle, que tem aliás, rua com o nome dela na casa que ela morava na São Clemente. Acontece que dona Guilhermina era cliente do laboratório e só quem conseguia tirar sangue das veias dela que eram muito difíceis, era o meu pai e conversa vai, conversa vem, ele contou a história do ambulatório. E a dona Guilhermina, então, patrocinou a construção e a compra do material desde o vidrinho de coleta de sangue até o raio-x para lá.

AB – Ele conseguiu realizar essa meta dele.

LR – Ele conseguiu, esse ambulatório foi inaugurado e ganhou o nome, se não me engano, era o Ministro da Saúde da época, que era Rivadávia Correa...

AB – E aí o ambulatório ficava atendendo à população em toda área clínica, na área patológica, não é?

LR – Em tudo.

AB – Em tudo.

LR – Havia até um clínico de lá que naquele tempo era muito mocinho e depois se tornou famoso que era o Dr. Álvaro Lourenço Jorge...

AB – E quem fazia manutenção? Para o dia a dia do ambulatório? A senhora sabe?

LR – Era, depois apareceram as verbas, agora como é que apareceram...

AB – Ele deve ter conseguido botar o município, a prefeitura, o distrito federal no meio disso, não é? Já estava construído e ficava mais fácil conseguir os apoios, não é?

LR – É, tinha todas as especialidades, o raio-x era com o Dr. Benidino Sucupira, a parte clínica era com Lourenço Jorge, a parte cirúrgica era com Dr. João Alfredo Correa de Oliveira Neto, essa gente toda eu vim a conhecer ainda depois quando eu fui trabalhar na Secretaria de Saúde.

AB – Aí chegou a conviver com eles.

LR – Foram todos companheiros de infância. (risos)

AB – De infância depois de, de...

RS – Vida adulta.

AB – Maturidade, não é? Dentro do Centro. É... realmente, o Dr. Pedro Ernesto estava um pouco com a razão, não é? Seu universo com a medicina, estava...

LR – Meu universo foi sempre assim.

AB – Estava feito, não é? Estava dado.

LR - Pois, é.

AB – A senhora lembrou para gente, falou muito das internas da sua convivência ali, mas nesse momento que a senhora morou lá, já tinha parte da psiquiatria infantil?

LR – Que eu me lembre, não.

AB – Ainda não tinha não, acho que isso foi posterior, não é? Ricardo...

LR – Não me lembro, isso não me lembro.

AB – E aí era uma coisa que não teria como não lembrar, não é? Porque é uma parte dura, não é? A psiquiatria infantil é pesada.

LR – É eu não me lembro.

AB – É na época que seu pai foi nomeado no iniciozinho do ano 30 para a Assistência aos Psicopatas do Distrito Federal, que dizer nesse cargo de ser...

LR – O Diretor Geral.

AB – O Coordenador e o Diretor Geral da questão da saúde da doença mental e da Assistência aos Psicopatas do Distrito Federal.

LR – Ela já estava bem doente, não é? Porque ele caiu doente em 24, faleceu em 34.

AB - Dez anos sofrendo.

LR – Foi muito duro de ver.

AB – Mas ele tinha alguma grande expectativa, algum grande projeto que a senhora tivesse dividido com ele? Quer dizer a Assistência aos Psicopatas no Distrito Federal, era além do cargo do...

LR – Isso aí eu não me lembro.

AB – Não... Pessoas que ele tenha convivido nessa época...

LR – Nessa época eu estava no colégio...

AB – E estava longe.

LR – E estava longe, estudava muito assim não estava muito...

AB – Ligada, não é?

LR – Só a parte mais da infância que eu estudava em casa, o primário todo se fazia em casa, só o secundário, eram 6 anos de secundário e era um estudo muito duro no colégio, de maneira...

RS – Ele morreu na Colônia...

LR – Não, ele morreu aqui na praça Serzedelo Correa, na esquina de Hilário de Gouveia, em frente à igreja Nossa Senhora de Copacabana...

AB – Já tinha vindo para cá.

LR – Já.

NI – E aí você estava com que idade?

LR – 17 para 18.

AB - 17 para 18.

RS – É, a Beatriz lembrou, não é? Da formação do seu pai, ele era assim uma pessoa muito rígida?

LR – Não, ele não era rígido não.

RS - A senhora enfrentou...

LR – Ele era severo com o serviço público de uma maneira tremenda, isso ele era. Agora, era

muito alegre e otimista, muito otimista, sabe? E sabia, tinha conversa para qualquer tipo de pessoa, tanto fazia cientista como qualquer uma das doentes do hospital...

AB – Tinha uma formação cultural muito ampla...

LR – Tinha, tinha...

AB – Quer dizer a ligação toda com a cultura francesa, com a cultura alemã. Como é que era?

LR – Com a cultura francesa, com a cultura alemã e desde pequena eu li tudo, até garota eu, qualquer coisa que ele me desse para ler, desde Eça de Queiroz, até... tudo eu tracei desde pequena, sempre fui assim.

(barulho) interrupção na fita

AB – Bem, assim, retomando de uma maneira geral a gente conseguiu conversar da trajetória, das principais coisas, agora a Liga que a gente agora no final até chegou a conversar um pouco, não é? Porque o ver as fotos, o ver as medalhas, não é? Essas coisas trazem a memória do que aconteceu e a Liga Brasileira de Higiene Mental, a gente tenta ler muito sobre ela, a gente busca então para ter o dia a dia da Liga, se a senhora pudesse nos contar alguma coisa, pessoas que a senhora lembra que faziam parte da Liga junto com ele que ele...

LR – Olha talvez, talvez...

AB – E o que ele falava da Liga...

LR – Quem poderia lembrar seria uma senhora, Dra. Maria da Paz, ela mora no Leme, está muito idosa, já, mas...

AB – Ela foi médica da Liga.

LR – Eu tenho impressão que ela foi ligada à Liga e tinha também um senhor que faleceu recentemente o Dr.... Ele era pai de uma amiga minha, a Phrigia Arruda, Dr. Enio Arruda, Elson Arruda, não sei, assim de cabeça eu não me lembro não.

AB – Não, mas essa senhora pode ser uma boa pessoa para gente procurar e conversar mais sobre a Liga, essa Maria da Paz pode ser interessante, às vezes ela tem até alguma documentação, ela tem alguma coisa, algum.

LR – Vou ver se eu tenho o telefone de dona Maria da Paz...

(pausa na gravação)

AB – Agora da Liga, assim alguma coisa, seu pai chegou a conviver com a idéia da Liga assim.

LR – Não, isso eu não lembro nada...

AB – Por exemplo a questão do álcool, não é? Lembro que a senhora referiu aqui: “Não, meu pai era uma pessoa muito prudente, ali, correta, preocupada” ...

LR – É, preocupada...

AB – Em função da Liga e todos os princípios que a Liga tinha com a questão da eugenia, da higiene...

LR – Não entrava álcool em casa...

AB – Não entrava álcool, então quer dizer, a filosofia da Liga era filosofia de vida mesmo...

LR – De vida mesmo.

AB – Era princípio de vida.

LR – Apesar do sangue gaúcho (Risos)

AB – Agora, reuniões da Liga, freqüentar as reuniões da Liga...

LR – Isso eu não lembro.

AB – Isso a senhora não chegou a freqüentar...

LR – É devia ser à noite, não é?

AB - Pelo menos isso, não foi.

LR – Às nove da noite, a luz se apagava, não havia televisão, não é? A vitrola era aquela de manivela, nove horas da noite, não se estudava de noite nem nada. A gente acordava de manhã cedo era cinco horas, 5:30 da manhã para estudar mais de noite apagava a luz às 9:00.

AB – Fechou.

AB – É, também uma casa em que tinha, meu pai, minha mãe, minhas duas avós, eu, meu irmão e três primos: o Milton, o Nelson e Ednei que também perdeu o pai e ficou lá.

NI - Nelson é meu pai.

AB – Isso, Nelson é seu pai.

LR – É, tinha que ter uma organização germânica.

AB – Germânica para dar conta.

LR – Para dar conta, horários rígidos, tal e coisa.

AB – Para funcionar, porque se não, não funcionava.

LR – Nove pessoas numa casa enorme e um banheiro só e não tinha atropelos... (alguém ao fundo) - já vou, está...

LR – Está minha filha...

AB – Para gente fechar, então, a senhora falou um pouquinho com a gente na semana passada sobre os amigos de seu pai, pessoas que a senhora conviveu, não é?

LR – É.

AB – Então, a pessoa do Dr. Juliano, né? Que memória a senhora tem dele? Qual a sua imagem...

LR – Era uma doçura de pessoa, Dr. Juliano era uma doçura de pessoa, gostava muito dele era muito carinhoso, gostava muito...

AB – Era uma pessoa muito presente, muito companheiro de seu pai.

LR – E teve também o Dr. Pedro Ernesto.

AB – Esse também e depois teve toda essa história de trajetória profissional a ele, não é? Sua vida profissional.

LR – É Dr. Pedro Ernesto era muito ligado a ele, ele ia muito lá em casa e tal...

AB – Quer dizer dos amigos assim ligados à psiquiatria...

LR – Dr. Ernani Lopes.

AB – Dr. Ernani Lopes que a senhora também falou, que era médico.

LR – Lourenço Jorge.

AB – Lourenço Jorge, essa senhora a Dra....

RS – Maria da Paz.

AB – Não, a Joanita.

LR – Não, a Maria da Paz, acho que não conheceu papai não.

AB – A Dra. Joanita que também era...

LR – A Dra. Joanita era senhora Leme Lopes que ...

AB – Também fazia parte da... Liga.

LR – Fazia parte, é depois é... Dr... Miguel Couto, Carlos Chagas, agora o Oswaldo Cruz já era mais distante, não é? Não era assim muito chegado, não é?

AB – Muito chegado, para gente está assim ótimo. Tem alguma coisa assim que a senhora gostaria...

LR – Não para mim foi um prazer estar com vocês aqui.

AB – A gente agradece mais uma vez.